

Ensino musical na educação básica: reflexões acerca de uma experiência de estágio Comunicação

GTE 11 – Ensino de Música nas Escolas de Educação Básica

João Pedro Martins Ortale
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS)
jpmartinsortale@hotmail.com

Resumo: Este relato de experiência descreve o processo de estágio obrigatório em ensino musical na educação básica, apresentando as observações e reflexões resultantes desta atuação. Desenvolvido na escola municipal Domingos Gonçalves Gomes, o estágio teve como objetivo proporcionar vivências e reflexões sobre o ambiente escolar, o projeto pedagógico, as relações docentes e discentes, e a construção de propostas didáticas ao acadêmico. Como parte do processo de regência do estágio, foram elaboradas três aulas fundamentadas em três eixos apresentados por Keith Swanwick (1979): composição, apreciação e percepção. Além disso, as aulas foram muito influenciadas pelas propostas pedagógicas de R. Murray Schafer (2001) e Randall Everett Allsup (2016; 2025), privilegiando práticas ativas, com atividades envolvendo percepção e grafia musical, além de experimentação musical por meio de instrumentos, corpo e voz. Após a apresentação das etapas do estágio, são propostas algumas reflexões a respeito do engajamento dos alunos com atividades musicais menos convencionais, bem como sobre o estágio como etapa formativa do acadêmico.

Palavras-chave: Estágio; Educação musical; Práticas ativas.

Introdução

O presente relato de experiência é resultante dos processos de observação e regência docente na matéria de Estágio Obrigatório III, executados na escola municipal Domingos Gonçalves Gomes, em Campo Grande, Mato Grosso do Sul. O estágio obrigatório, como estruturado pelo curso de licenciatura em Música da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), consiste num processo de 10 horas de observação da atuação de um docente, designado como professor supervisor, e de 15 horas de regência docente pelo estagiário, esses dois processos em campo são intercalados com aulas e orientações por parte do regente da matéria de estágio, o professor orientador. O processo é documentado num relatório que deve

ser entregue ao final do semestre. Nesse relatório, o acadêmico deve documentar sua experiência em campo, o ambiente escolar em que se inseriu, suas reflexões e quaisquer aspectos que este julgue ser relevante.

A matéria teve duração do semestre letivo da UFMS, entre os meses de março e julho, com as observações ocorrendo majoritariamente no decorrer de maio e as regências do mês de junho, todas essas atividades acompanhadas pela professora supervisora. Durante esse processo, o acadêmico participa de aulas expositivas e de orientações com o professor orientador.

Dentre as informações que devem ser apresentadas no relatório, e por consequência colhidas pelos acadêmicos em campo, encontram-se: Aspectos relacionados à estrutura da escola, perfil socioeconômico dos alunos, análise do projeto pedagógico da escola, planos de aula elaborados pelo estagiário, reflexões acerca da atuação do professor supervisor e acerca da atuação do acadêmico. A coleta dessas informações tem o intuito de instigar o estagiário a considerar os diversos aspectos que influenciam a vivência docente e a sua experiência no estágio.

A seguir, serão apresentadas alguns dos aspectos observados no decorrer do estágio, bem como os planejamentos desenvolvidos em conjunto com a professora supervisora e orientadora, e as reflexões que seguiram ao final do período de estágio.

Estágio

A escola municipal Domingos Gonçalves Gomes está situada em uma comunidade caracterizada pela diversidade socioeconômica. Atende crianças cursando Educação Infantil e Ensino Fundamental, cujas famílias são compostas majoritariamente por pequenos comerciantes, trabalhadores da construção civil, servidores públicos e representantes de outros segmentos sociais. Ao total, a escola atende cerca de 852 alunos, contando com 32 turmas divididas entre os períodos vespertino e matutino.

As turmas observadas no período de observação, e que posteriormente foram também as turmas para qual as aulas de regência foram elaboradas, foram duas do sétimo ano e uma do oitavo ano do fundamental.

No que diz respeito ao projeto pedagógico da escola, a música toma – apesar de ser diretamente referenciada, bem como a obrigatoriedade de seu ensino, no documento – uma posição de segundo plano em relação às Artes Visuais, que apresentam uma ementa muito mais claramente definida.

O ensino de música como disciplina destacada das artes visuais é vislumbrado a partir do 6º ano do fundamental, e aparece na ementa com um foco muito mais na área de estudo da história da música, com uma proposta de ensino expositiva, apresentada de maneira cronológica (Música da Pré-História, Antigo Egito e Greco Romana nos primeiros bimestres do 6º ano, por exemplo). Algo que chamou atenção foi como há em quase todos os anos, uma reserva do 4º bimestre para abordar o tema de Música do Estado de Mato Grosso do Sul, uma proposta interessante, pois serviria para aproximar os alunos da matéria, ao menos teoricamente.

Um outro ponto de interesse é a presença de danças, ritmo, criação de instrumentos e até percussão corporal como itens presentes na seção de Educação Física, e não de Música. Isso provavelmente se deve por uma percepção de que essas atividades e práticas se relacionariam com a noção de “consciência corporal”, algo destacado na seção de Educação Física, mas isso demonstra também uma certa ignorância (seja no sentido de não saber ou de ignorar mesmo) no que diz respeito às práticas do fazer musical e suas facetas.

É importante levar em conta que o projeto pedagógico estava, no período em que o estágio estava sendo cumprido, passando por um processo de reformulação. O projeto pedagógico referenciado aqui data de 2016 e, quando foi formulado, a escola ainda não apresentava no seu corpo docente um professor especializado no ensino musical, um fator que muito provavelmente será considerado nesse processo de reformulação.

Em termos de estrutura da escola no que diz respeito às aulas de educação musical, há uma clara deficiência nesse aspecto. A escola se mostrou muito mais equipada para aulas teóricas e de caráter expositivo, seguindo em linha com o projeto pedagógico nesse sentido. As salas eram bem iluminadas, com boa ventilação e refrigeração, e apresentavam um quadro branco como principal recurso para o professor. Também foi possível em certos momentos, utilizar de equipamentos de som da escola para exposição de músicas e sons. Porém, a falta de um datashow, de uma sala com tratamento acústico e instrumentos musicais fazem com

que as aulas da professora e, por consequência também as aulas que ministrei, tivessem que ser planejadas de forma a trabalhar principalmente com a voz e o corpo dos alunos.

Como descrito anteriormente, parte importante do processo de estágio é a observação de aulas regidas pelo professor supervisor. Parte do que foi notado no decorrer dessas aulas em muito influenciou como seriam planejadas as aulas que seriam regidas por mim.

Algo que ficou claro no decorrer das observações foi como o conteúdo previsto no Projeto Político-Pedagógico (PPP) entrava, em momentos, em conflito com propostas mais engajadoras de ensino musical para os alunos. Como discutido anteriormente, o PPP aborda o ensino musical muito mais por uma visão histórica e teórica do que prática, isso, por consequência, pode acabar limitando o professor. As aulas observadas pareciam sofrer com essa dissonância, em que a professora gostaria de trazer mais atividades práticas, incentivar os alunos a experimentarem e vivenciarem música, mas que em muito se limitava pelas necessidades do conteúdo proposto.

No que diz respeito à relação dos alunos com a professora, nas três turmas observadas os alunos, em geral, apresentavam uma afeição muito grande pela professora, sentindo falta e expressando essa falta quando ela se ausentou por um tempo, por exemplo. Além disso, os alunos pareciam realmente se interessar pelo conteúdo, indo bem nas avaliações e interagindo (ocasionalmente) com as propostas sem grandes dificuldades. Porém, é notável como os alunos apresentavam uma dificuldade em respeitar as atividades e discussões em si propostas pela professora, as conversas e distrações aconteciam de modo a realmente atrapalhar o andamento das aulas, e em diversas ocasiões necessitando de a professora chamar a atenção da turma. Essa discrepância, entre o aparente respeito e afeto pela professora, mas não pelo conteúdo, novamente parece ser sintomática da proposta pedagógica musical proposta pela escola.

Tendo em mente os fatores observados anteriormente, assim como o conteúdo que seria apresentado aos alunos de acordo com o planejamento bimestral já elaborado pela professora supervisora, foram elaboradas três propostas de aula para o período de regência do estágio:

1. Uma aula focada em percepção musical, mais especificamente na apresentação de percepção musical como prática ativa, que busca entender o que ocorre nas músicas e na nossa mente quando a ouvimos;
2. Uma aula focada na apresentação da noção de grafia musical como forma de representação visual de elementos e objetos sonoros;
3. Uma aula focada na interpretação de grafia musical de forma aberta e criativa, direcionando o processo de interpretação para um processo de criação.

As aulas foram elaboradas uma após a outra, tendo em mente o avanço de cada turma nas propostas apresentadas em cada aula. O objetivo foi de trazer para os alunos uma visão mais ampla de música e prática musical, abordando três pilares do ensino musical propostos por Swanwick (1979): **percepção, composição e performance**.

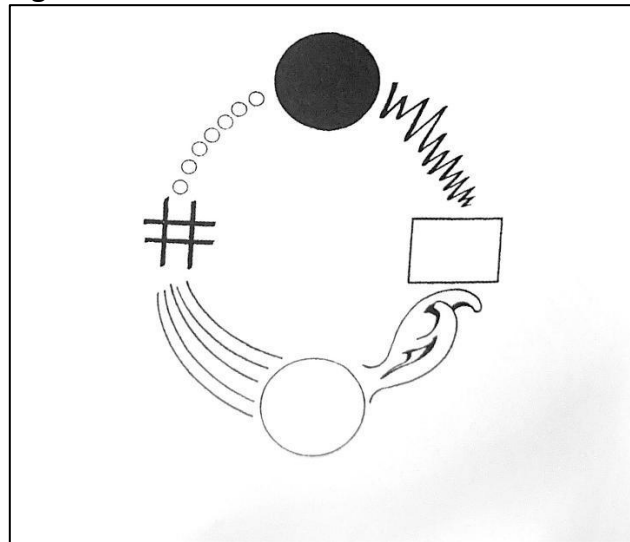
A primeira aula teve como objetivo apresentar e incentivar os alunos a **ouvir** música de forma mais ativa, procurando elementos que chamassem a sua atenção, bem como, dialogando com o planejamento inicial da professora, apresentar alguns instrumentos de percussão para eles, incluindo atividades de percussão corporal. O planejamento dessa aula consistiu num momento focado na percepção musical, em que os alunos deveriam ouvir músicas sugeridas pelo professor e comentar sobre o que lhes vinha à mente: sentimentos, imagens, contextos, gosto pessoal, instrumentos etc. Então, num momento em que os alunos seriam apresentados a alguns instrumentos de percussão que estariam presentes em algumas músicas apresentadas. E por fim, num momento de exploração e imitação sonora dos instrumentos de percussão com sons de percussão corporal.

A segunda aula focava na ideia de grafia musical, em que os alunos agora deveriam **criar** uma representação gráfica de sons e eventualmente de uma música inteira. Seguindo principalmente o desenvolvido no momento de percepção da aula anterior, o planejamento dessa aula apresentou uma estrutura bem mais linear, em que inicialmente os alunos seriam apresentados à noção de grafia musical. Então, seria proposto para que os alunos imaginassem grafias para sons singulares, como o toque de um triângulo, o som de uma palma etc. Em sequência, os sons ficariam cada vez mais complexos, como um instrumento fazendo uma escala, instrumentos que produzem sons de qualidades diferentes, até eventualmente apresentar um trecho de uma sonata para piano e violoncelo. Por fim, os alunos, reunidos em

grupo, seriam apresentados a uma música completa, devendo criar uma representação gráfica para a música toda.

Por fim, a terceira aula tinha como objetivo aplicar o processo contrário, em que os alunos deveriam, a partir de uma partitura gráfica presente no livro OUVIRCANTAR de Murray Schafer, **criar** e **executar** uma pequena peça musical. Essa aula foi planejada como sequência direta da aula anterior, se iniciando com a apresentação das partituras feitas em grupo para o resto da turma. Em seguida, seria proposta uma dinâmica em sala sobre interpretação de símbolos simples, como formas geométricas, com sons. Essa dinâmica serviria para direcionar os alunos a pensarem de maneira criativa, criando associações entre forma visual e som. Após a interpretação de diversos símbolos, os alunos então seriam apresentados uma partitura gráfica presente no livro citado acima, de Murray Schafer (2001) (**Figura 1**), e, novamente em grupos, formular interpretações musicais da partitura.

Figura 1: Partitura Gráfica utilizada na 3ª aula



Fonte: Escaneamento do livro OUVIRCANTAR de SCHAFFER (2001)

É importante ressaltar que os planejamentos de aula tiveram grande influência de duas fontes principais. Primeiro, de uma matéria que cursei em minha graduação, que abordava o ensino de música de forma mais aberta e criativa, ofertada pelo professor estadunidense Randall Everett Allsup (2016, 2025), que utilizou dois livros de sua autoria, *Remixing the classroom: toward an open philosophy of music education* e sua sequência, ainda não publicada, como base para o conteúdo. A segunda influência, também apresentada para

mim no decorrer do mesmo semestre, foram as propostas de grafia musical apresentadas por Schafer (2001) em seu livro, A afinação do mundo, no capítulo 9.

As três aulas – com exceção da terceira, que não foi ministrada para o 8º ano – descritas acima foram ministradas para três turmas diferentes, o 7ºA, 7ºB e 8º A. Isso apresentou uma situação peculiar, tanto no planejamento como na execução de cada aula, em que, a cada reaplicação, era possível refinar as abordagens, notar onde ficaram certas inseguranças, onde talvez faltasse melhor explicação etc.

A seguir, serão abordadas alguns “resultados” e reflexões sobre as aulas, como estas se desenvolveram, quais aspectos foram positivos, quais foram negativos, onde há espaço para melhorias e como isso afetaria seguintes planejamentos e propostas.

Reflexões

Acredito que, em termos amplos, os objetivos propostos por cada aula foram alcançados, a minha intenção, para além do planejamento e das especificidades da metodologia, era de apresentar aulas práticas para os alunos experimentarem e vivenciarem uma espécie de laboratório musical (ALLSUP, 2016, 2025), em que eles poderiam testar ideias diferentes, livres de uma rigidez técnica que muitas vezes os prenderiam. Essa direção das aulas se deu principalmente pelas observações que, apesar de incompletas – no sentido de que, como foram observadas poucas aulas da professora supervisora, não é possível fazer uma afirmação categórica sobre suas práticas docentes em geral –, me deram a impressão de que as aulas têm tido uma tendência muito teórica e, de certo modo, abstrata, pois parecia que não estavam sendo feitas muitas atividades práticas com os alunos.

A meu ver, as maiores dificuldades no que diz respeito à regência das aulas propostas surgiam quando os alunos não conseguiam seguir a linha de raciocínio da aula. Isso pode ter acontecido por uma variedade de fatores, mas abordando especificamente as minhas dificuldades em relação a isso, uma das maiores dificuldades encontradas nesse estágio foi de incentivar os alunos a se engajarem com a aula de forma que tirassem maior proveito dela. Mais especificamente, em diversos momentos foi necessário lidar com situações de conversa e distração, algo que pode se dever de particularidades da turma, mas também pode estar

relacionado com a forma de apresentar o conteúdo, com a relação com os alunos, com a postura em sala de aula. Além disso, e esse fator foi mais complicado ainda, havia diversos alunos que tinham dificuldade (ou falta de interesse, em certos casos) de engajar com a proposta de “representar sons” que permeia as três aulas. Muitos acabavam não participando, outros se prendiam a representar os instrumentos que eles ouviam, ou imagens que representariam uma simbologia mais relacional, no sentido de não representar os sons em si, mas sim uma simbologia que se relaciona com os sons, como a bandeira do México para representar uma música que pensaram ser de origem mexicana. Enfim, esses foram os principais pontos que acredito que tive maior dificuldade para contornar no decorrer das aulas, “como incentivar os alunos a seguirem pelo caminho de engajamento sem ao mesmo tempo limitar sua expressividade?” foi uma pergunta que permeou meus pensamentos no decorrer desse estágio.

Algo, por outro lado, que me surpreendeu, de maneira um pouco contraditória com o que acabou de ser descrito, foi o quão engajados certos alunos ficaram. Realmente me pareceu que, ao menos para parte dos alunos, as aulas foram algo interessante que realmente os fizeram pensar sobre as músicas que ouvem, os fizeram praticar sua criatividade. Acredito que isso se deva, em parte ao menos, à apresentação do conteúdo, que foi sendo refinada após cada aula, uma vantagem de ter ministrado o mesmo planejamento diversas vezes, como já citado anteriormente.

Por fim, ressalto a importância do processo de estágio em ensino musical na educação básica, e como esse processo reverberou com a minha vivência musical e docente. Acredito que, para além de um treino para a docência e o cumprimento de uma disciplina obrigatória, o processo de estágio serve como laboratório para o próprio estagiário observar quais práticas são ou não mais efetivas dentro dos variados contextos em que se pode inserir o professor de música. Contextos escolares mais ou menos estruturados, turmas mais ou menos engajadas, práticas docentes variadas, todos esses fatores afetam o processo de ensino musical: Numa escola com falta de instrumentos, o ensino de canto e percussão corporal pode tomar preferência, numa turma pouco engajada em aulas mais expositivas, aulas de práticas criativas podem auxiliar no interesse dos alunos etc. O estagiário pode ser um termômetro para o

contexto escolar em que se insere, trazendo reflexões e propostas que podem sim fazer a diferença para os alunos, os professores supervisores, e a escola como um todo.

Referências

ALLSUP, Randall Everett. *Remixing the classroom: toward an open philosophy of music education*. Bloomington: Indiana University Press, 2016.

ALLSUP, Randall Everett. *Designing democratic instruction in the music classroom – Part Two: Remixing the Classroom*. [Manuscrito não publicado], 2025.

SWANWICK, Keith. *A basis for music education*. London: NFER Publishing Company, 1979.

SCHAFER, R. Murray. *A afinação do mundo*. Tradução de Marisa Trench de Oliveira Fonterrada. 2. ed. São Paulo: Editora UNESP, 2001.

SCHAFER, R. Murray. *OuvirCantar*. Tradução de Vera Rio Tinto. 2. ed. São Paulo: Editora UNESP, 2001.